



GT 37. Estudos em contextos do Sul Global: novos inimigos, novas possibilidades e a (in)sustentabilidade das perspectivas e das redes Sul-Sul

Coordenador(es):

Lívio Sansone (UFBA - Universidade Federal da Bahia)

Luena Nascimento Nunes Pereira (UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro)

O campo dos estudos em outras regiões do Sul Global já faz aproximadamente 20 anos no Brasil. O momento é, pois, maduro para uma avaliação deste campo de pesquisa, que tem atraído um conjunto de pesquisadores e questões que se manifestam em projetos de pesquisa, publicações e seminários e gerado um acúmulo de reflexões sobre as várias regiões do Sul Global (África, Ásia, Caribe, América Central e Meridional), desenvolvendo novas perspectivas comparativas e transnacionais e contribuindo para a internacionalização da pós-graduação em ciências humanas. Apesar da abertura de novas oportunidades de pesquisa e redes enfrentamos novos obstáculos proporcionados pela atual era dos extremos, que identifica a perspectiva Sul-Sul com um conjunto de políticas sociais progressistas. Tal cenário torna cada vez mais premente a importância de um diálogo qualificado sobre perspectivas, oportunidades, limites e desafios de um campo que passa a tomar expressão na antropologia feita no Brasil. O GT tem por objetivo reunir trabalhos desenvolvidos nos contextos acima mencionados promovendo a continuidade de um diálogo qualificado sobre pesquisas antropológicas. Apesar da ênfase na pesquisa etnográfica, o GT está aberto à interdisciplinaridade, pela importância do diálogo com historiadores e outros pesquisadores nas ciências humanas. Com esse objetivo, convidamos pesquisadores que abordem temáticas diversas que respondam aos inúmeros desafios da pesquisa sobre e estes contextos.

Conexões econômicas ilícitas no Sul Global: A troca entre carros e cocaína na fronteira entre o Brasil e a Bolívia

Autoria: André de Pieri Pimentel (UNICAMP), Isabela Vianna Pinho

Esse artigo propõe uma análise sobre circuitos econômicos ilícitos no Sul Global a partir da troca entre carros e cocaína na fronteira entre o Brasil e a Bolívia. Segundo vem sendo observado nos últimos anos, é muito comum que veículos roubados ou furtados em regiões brasileiras próximas à fronteira com a Bolívia sejam destinados ao país vizinho para serem trocados por cocaína. Essas transações alimentam não apenas a produção de cocaína na Bolívia, como também a venda varejista da droga e o roubo de carros no Brasil. E não só os mercados ilegais ganham dinheiro com tais transações: muitos circuitos econômicos inseridos na chamada economia formal, como a indústria automobilística e o mercado de seguros de veículos, também lucram com elas. Além disso, esse intercâmbio alimenta mercados globais, na medida em que a cocaína adquirida na Bolívia pode, a partir do Brasil, adentrar mercados estrangeiros, como a África, a Europa e os Estados Unidos. Uma pluralidade de empreendedores, de baixos operadores e mesmo de agentes estatais se conectam a essas redes, extraíndo delas ganhos muito variados. E uma pluralidade de territórios se conectam, de forma desigual, através de tais redes. O objetivo desse artigo é, a partir dessas conexões econômicas em específico, pensar conexões entre os estudos sobre o Sul Global e uma análise sobre a produção de circuitos econômicos ilegalizados. O artigo busca analisar especialmente de que forma esses circuitos produzem territorialidades no Sul Global, influenciando nas dinâmicas urbanas, econômicas e criminais que se produzem a partir deles. Ademais, pretende-se analisar que tipo de conexões desiguais se produzem entre esses muitos agentes e esses muitos territórios que se articulam através dessas redes. Por



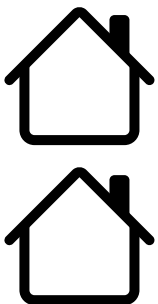
mais que a conformação e a territorialização de tais circuitos esteja atrelada à produção de desigualdades múltiplas, não se pode ignorar que tais circuitos ilegais atualmente movimentam e mobilizam um enorme volume de pessoas, redes, recursos e dinheiro, mantendo inclusive interfaces múltiplas com a ?economia formal?. No contexto contemporâneo, os mercados ilegais são um tema de relevância reconhecida em muitos campos, desde o contexto acadêmico até a política institucional e os órgãos internacionais de regulação da economia. No entanto, é menos comum que se lembre que, longe de produzir apenas vulnerabilidade econômica no Sul Global, esses mercados representam também inserção econômica para esses territórios e para os agentes que neles se engajam. Esses mercados produzem, dessa forma, uma ?globalização vista das margens?, e servem como interessantes motes empíricos para pensarmos interfaces entre desenvolvimento econômico e desigualdades.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: